

**Síntese sobre secção “cantos, contos e que mais...” Torres Vedras****Filomena Sousa****Memóriamedia**

Numa parceria com o Município de Torres Vedras - Fábrica das Histórias - Casa Jaime Umbelino e Clube Sénior, a equipa Memóriamedia realizou, em Fevereiro de 2010, um curso sobre o registo de vídeo da tradição oral em Torres Vedras. Neste âmbito desenvolveram-se exercícios de recolha etnográfica (a equipa Memóriamedia em parceria com os formandos).

Enquanto mediadores, os formandos que desenvolviam actividades com o Clube Sénior do concelho de Torres Vedras, agendaram e organizaram duas sessões de filmagens, uma na freguesia da Maceira e outra em Matacães. Estiveram presentes informantes residentes nestas duas localidades e na vila de A-dos-Cunhados (sessão da Maceira).

O documentário produzido a partir dos conteúdos recolhidos incide sobre várias histórias do concelho e sobre as memórias partilhadas pelos entrevistados, foca em particular relatos de mitos e lendas, nomeadamente lendas de mouras encantadas, de bruxas e de lobisomens.

Na Maceira as filmagens decorreram nas instalações da Junta de Freguesia e foram entrevistados, em conjunto, Georgino Rodrigues (nascido em 1948, reformado de operador de cerâmica e residente em A-dos-Cunhados) e Júlia Luís (nascida em 1942, reformada do comércio e residente na Maceira).

Nesta gravação foram enunciadas várias histórias sobre a toponímia de algumas das localidades do concelho de Torres Vedras. A exemplo, Georgino fala do porquê do nome de A-de-Cunhados e de Penafirme.

Sobre A-dos-Cunhados:

*“A-dos-Cunhados começou a partir de dois cunhados que foram para ali morar. Amanhavam muito as terras e as pessoas iam:*

*- Olha, vamos aos cunhados! Vamos aos cunhados.*

*Eles naquela altura faziam paródias, talvez bailaricos ou outras coisas assim, e concentravam-se nos cunhados. A partir daí, passou a ser: ah, a dos cunhados! Vamos à dos cunhados. A-dos-Cunhados.”*

Georgino Moreira Rodrigues, 2010, Maceira, Torres Vedras

Sobre Penafirme:

*“A outra lenda talvez seja história, é natural que sim. A história de Penafirme, contavam as pessoas mais antigas, que um fidalgo andava no mar e a certa altura o barco naufragou. E ele, agarrado a uma prancha, a um tronco, a uma madeira, viu-se muito aflito e pediu a Nossa Senhora da Graça que se fizesse dele pôr o pé firme, que ele mandaria construir um convento. E aí está. E depois Nossa Senhora conseguiu. Ele saiu ali junto à praia de Santa Rita e ali mesmo é que ele mandou construir o convento em honra de Nossa Senhora da Graça. E hoje há a Póvoa, Póvoa de Penafirme. Pé na firme: ao ver o pé firme. E ficou a Póvoa de Penafirme.”*

Georgino Moreira Rodrigues, 2010, Maceira, Torres Vedras

Em relação aos mitos e lendas registou-se, por exemplo, Georgino a falar do “fado” do lobisomem que, numa noite, tem de “correr sete vilas acasteladas”:

*“Há também a lenda dos lobisomens que se espojavam. Esfregavam o dorso, as costas, aonde os animais (os burros, os cavalos) também se esfregavam para coçar o lombo, não é? No chão. E eles faziam aquilo também e deixavam... A roupa deles ficava tirada do avesso. E depois fugiam. Esses mouros fugiam, iam dar uma volta. Diz a lenda que tinham de correr sete vilas acasteladas numa noite. Tinham de correr muito.*

*E então também um rapaz que namorava com uma rapariga, ele era encantado, era lobisOMEM. E dizia:*

*- É pá, eu gostava de casar contigo, mas para isso tens de me quebrar o encanto. Assim não dá... A gente... Porque eu estou ao pé de ti e de repente saio e tenho que fazer aquela obrigação do lobisOMEM...*

*E ela:*

*- Está bem, então isso faz-se. Então não se faz porquê?*

*E combinou com a mãe, com a mãe dela, um dia estar à espreita. Quando ele se estivesse a esfregar, e assim quando ele abalasse, irem lá a correr buscar a roupa, levar para a casa e voltar a roupa para o direito. E assim foi. Ele abalou e elas foram numa fugida... Vejam lá: ele diz que estava nas Caldas e chegou cá num instante! Veio por aí fora a galope, a correr... E elas a acabar de virar a roupa para o direito e ele aos coices à porta, aos coices, a querer entrar... E elas não lhe abriam. Foi mesmo à conta: acabaram a última peça e foram então abrir a porta. E entra ele, diz assim:*

*- Ai, ainda bem que conseguiste!... Mas sabes lá o doer que me estavas a fazer... Doía-me tanto, tanto que tu nem sabes! Se eu te apanhasse, eu matava-te.”*

Georgino Moreira Rodrigues, 2010, Maceira, Torres Vedras

Em Matacães a sessão também se realizou na Junta de Freguesia e estiveram presentes: Alice Amorim (ano de nascimento 1921), Arminda Santos (1946), Helena Cotrim (1950), Luísa Amorim (1925), Maria Adelaide Pereira (1931), Maria da Restauração (1936), Maria Francisco (1939) e Natércia Mota (1953), todas residentes na freguesia de Matacães.

Para além das memórias do quotidiano duro e de trabalho, as entrevistadas relataram a alegria das danças de roda, da descamisada do milho, das festas e das romarias.

Descreveram celebrações de cariz religioso, mas também histórias de origem pagã, mais uma vez o ênfase foi dado ao mistério das bruxas, das almas penadas e dos lobisomens. Entre estas histórias, Alice Amorim explicou o que fazem as bruxas quando morrem; Arminda Santos relata o encontro de um peixeiro com uma alma penada e Helena Coutrim fala de um homem que se transformava em “*burrinho branco pequenino, todo brilhante*”, um exemplo das histórias de lobisomens onde o homem se transforma em burro e não em lobo.

Sobre o que fazem as bruxas quando morrem:

*“As bruxas, quando estão a morrer, para deixar os novelos, diz que não querem morrer sem deixar – diz que chama-se um novelo, não sei – aquele dom que elas têm. Pois diz que quando estão a morrer querem deixar o novelo a outra pessoa. E então diz que, ao morrer, diz que é assim:*

- Toma... Toma!...

*Mas ninguém quer aquele ofício. Diz que vão buscar uma telha com brasas e ela começa:*

- Toma... Toma!...

*E aquela pessoa apara aquilo com brasas e aquilo diz que dá um estalo nas brasas.”*

Alice Correia Amorim, 2010, Matacães, Torres Vedras

Sobre as almas penadas:

*“Antigamente os peixeiros também iam muito cedo, porque tinham que depois que vender o peixe. E então diz que havia um peixeiro, lá para a minha terra, havia um peixeiro que chegava quase sempre ao mesmo sítio [e] a carga quase sempre ia abaixo. Ele um dia olhou... Era sempre à porta de uma igreja. Ele um dia olhou e viu lá uma pessoa. Ele então disse para essa pessoa:*

*- Olhe, faz favor, vem-me cá ajudar a segurar a carga?*

*E a pessoa foi e ajudou. Ajudou-lhe a segurar os caixotes. No fim de estar tudo apertado, ele depois quando lhe foi a passar... (como é que se chama? A selha ou o que é) – ...a silha (?) – as mãos estavam geladas. E ele disse assim:*

*- Ai, amigo, tem umas mãos tão geladas...*

*- Quem vai, vai; quem está, está. Eu não me meti consigo, você é que me chamou.*

*E o homenzinho com o burrico foi a correr, cheio de medo! Então dizem que eram as almas penadas, não é? Não sei se era uma penada, se tinha penas, se era despenada... Não sei!”*

Arminda Santos, 2010, Matacães, Torres Vedras

Sobre o lobisomem:

*“Em Santa Cruz diz que havia lá um senhor, que até era bastante nosso amigo, que era o Ti Zé Rosa. Ele diz que transformava-se em burrico... E ele foi lá a casa dum compadre que tinha lá um restaurantezinho lá em Santa Cruz, lá ao lado da padaria, e ele ficou lá na casa desse compadre. E o compadre vinha para o café; vinha sempre na carroça com o burro dele. E ele disse assim:*

*- Ó Zé Rosa, queres vir para baixo? Vens comigo na carroça?*

*E diz ele assim:*

*- Não! Vai andando que eu já te apanho!*

*E quando chegou ali ao pé da Física, por cima da praia, do mar, que é ali em Física, o burro do Ti Chico assustou-se e só viu foi um burrinho branco pequenino, todo brilhante, a passar ao lado dele! “*

Helena Cotrim, 2010, Matacães, Torres Vedras

Filomena Sousa (MEMORIAMEDIA)

**Referência Bibliográfica – como citar este documento:**

Sousa, Filomena (2012), “Síntese sobre secção “cantos, contos e que mais...” Torres Vedras”, *Projecto Memóriamedia*, Alenquer: Memória Imaterial/IELT, pp. 1-7.